

Internacionalização da educação superior: uma análise comparativa documental entre duas instituições privadas e comunitárias da região sul do Brasil

*Internacionalisation in higher education: a comparative documental analysis
between two private and communitarian institutions from the south region of Brazil*

Editor

Maria Inês Côrte Vitoria
PUCRS, RS, Brasil

Equipe Editorial

Pricila Kohls dos Santos
PUCRS, RS, Brasil
Marcelo Oliveira da Silva
PUCRS, RS, Brasil
Carla Spagnolo
PUCRS, RS, Brasil
Rosa Maria Rigo
PUCRS, RS, Brasil

Alexandre Anselmo Guilherme^a, Dirce Hechler Herbertz^b, Marília Costa Morosini^c

RESUMO: Este estudo apresenta a análise documental sobre o processo de internacionalização da Educação Superior em duas universidades privadas e comunitárias, uma do RS e outra do PR, ambas sem fins lucrativos, tendo sua confessionalidade baseada nos princípios Maristas: a PUCRS e a PUCPR. O objetivo foi analisar a importância das relações entre o processo de internacionalização da educação superior e os princípios que fundamentam os Projetos Políticos Institucionais utilizando o referencial teórico de Audy (2006) e Morosini (2006). Trata-se de uma pesquisa qualitativa na medida em que se reflete sobre as políticas internas, os dados apresentados e quantitativa ao trazeremos para a discussão dados numéricos das referidas instituições no âmbito nacional e internacional. A fonte de dados foram os documentos institucionais como o Plano Estratégico – PE e o Plano Pedagógico Institucional – PPI; dados do CNPq, CAPES, RUF, The Times e QS. Como resultados desta pesquisa, pode-se apontar para um redimensionamento das organizações institucionais da Educação Superior no que se refere ao desenvolvimento tecnológico, a um projeto global de desenvolvimento humano.

Palavras-chave: educação superior; internacionalização; projeto político institucional; planejamento estratégico.

ABSTRACT: This study conducts a documental analysis about the process of internationalization of two private and communitarian higher education institutions, one from the state of Rio Grande do Sul and the other from the state of Parana; both are non-profitable and subscribing to Marist principles: PUCRS and PUCPR. Our main objective is to analyse the connection between the process of internationalization and the principles underlying the Institutional Development Plan using the theories of Audy (2006) and Morosini (2006) as a

ISSN 2179-8435



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

^a Doutor em Filosofia e professor adjunto do PPGEdU da PUCRS. <alexandre.guilherme@pucrs.br>.

^b Doutoranda em Educação do PPGEdU da PUCRS – Bolsista CAPES. <dirce.herbertz@acad.pucrs.br>.

^c Doutora em Educação e professora titular do PPGEdU da PUCRS. <marilia.morosini@pucrs.br>.

theoretical framework. This research is qualitative because it reflects upon internal institutional policies as well as quantitative because it discusses national and international ranking data. For this analysis, our sources were the Institutional Development Plans as well as data from CNPq, CAPES, RUF, The Times and QS. Our results seem to demonstrate a redimensioning of these higher education institutions insofar as their commitment to technological and global human development is concerned.

Keywords: higher education; internationalization; institutional development plan; strategic planning.

Introdução

O presente estudo tem como objetivo analisar a importância das relações entre o processo de internacionalização da educação superior e os princípios que fundamentam os Projetos Políticos Institucionais. Para tanto, recorreremos à pesquisa documental de duas Instituições de Educação Superior (IES), uma do RS e outra do PR, ambas privadas sem fins lucrativos, regidas por mantenedora, tendo cunho confessional a ordem Marista, bem como aos paradigmas que fundamentam os processos de internacionalização: a PUCRS e a PUCPR. A metodologia empregada neste estudo é quantitativo/qualitativo tendo como fonte de dados os documentos institucionais como o Plano Estratégico – PE e o Plano Pedagógico Institucional – PPI e dados do CNPq, CAPES, RUF¹, The Times² e QS³. Os critérios de escolha destas duas instituições levou em consideração serem universidades e ancorarem seus princípios na mesma ordem religiosa/filosófica, Marista. Cabe destacar que, no Brasil, nem todas as Pontifícias Universidades Católicas seguem a mesma ordem religiosa⁴. A internacionalização de uma (IES) não pode estar limitada apenas a receber alunos de outros países em seu campus ou então enviar alunos de seus cursos para o exterior. Esta é uma ideia equivocada que precisa ser rompida sobre internacionalização. Pode-se pensar que esta seria uma ação entre outras que de fato materializem a internacionalização em uma IES. Mas além disso, a internacionalização deve ser compreendida em sua amplitude e multiplicidade de ações como o das políticas internas de uma IES, redimensionando os currículos e a

¹ Ranking Universitário Folha.

² The Times Higher Education – Latin America University Rankings

³ QS Top Universities – worldwide university rankings, guides & events

⁴ A PUC-Rio mantida pela ordem religiosa dos Jesuítas; PUC-SP mantida pela arquidiocese de São Paulo; PUC-MG mantenedora Sociedade Mineira de Cultura (SMC), e a Associação Jesuíta de Educação e Assistência Social, mantenedora da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia; PUC-GO mantida pela ordem religiosa dos Jesuítas.

pesquisa, levando seus profissionais (gestores, professores e funcionários em geral) a compreenderem e trabalharem nesta perspectiva, incentivando e mobilizando práticas com os acadêmicos.

Entende-se que a internacionalização da educação é consequência do que vem se naturalizando em virtude do processo de globalização mundial, da diluição das fronteiras. Segundo Teixeira e Audy (2006) há uma combinação de forças e processos oriundos de diversos setores que impactam a dinâmica da universidade. Entre elas o complexo processo de globalização que sob diferentes prismas, não só o econômico, ameaça e desafia os sistemas nacionais de Educação Superior, desencadeando um processo de mercantilização que afeta e distorce a maioria das instituições superiores, tanto no que tange seus fins e propósitos como em sua oferta educativa e forma de operação. A globalização mobilizou uma mutação civilizacional.

Cada vez mais a educação, em especial a brasileira, caminha em direção de fortalecer e ampliar seu processo de internacionalização. Tal como se pode observar aumentam as participações de professores e estudantes de Programas de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em eventos internacionais com apresentação e publicação de seus trabalhos e pesquisas. De igual modo as IES em suas ações de internacionalização se valem das políticas públicas através dos órgãos de fomento financeiro como CAPES, CNPq e outras agências privadas a colocarem em marcha programas nacionais como o Ciência sem Fronteiras; PDSE – Doutorado Sanduíche, entre outros. Assim, os programas e a produção do conhecimento científico tomam uma proporção de destaque nessa ação de internacionalização.

Contextualizando os entendimentos de internacionalização

No século anterior a constituição da imagem e atuação da Educação Superior se dava em uma dinâmica diferente do século atual. Trazida por Audy (2006) em seus estudos, a partir das ideias de Henry Etzkowitz professor da Universidade do Estado de Nova Iorque – SUNY e Loet Leydesdorff, professor da Universidade de Amsterdã, ambos da área da engenharia, apresenta a evolução dos modelos de como era a relação entre Universidade-Empresa-Governo (UEG) (ETZKOWIT, LEYDESDORFF, 1998). Evolução esta que segundo Audy (2006, p. 60), apoiado em Etzkowitz, “do ponto de vista da academia [...] as universidades passaram por duas grandes revoluções desde sua criação no século XI na Europa, centrada na transmissão de conhecimentos dos professores para os alunos com a missão focada no ensino”. Segundo o autor a primeira revolução nas universidades deu-se no final do século XVII nos EUA, agregando a pesquisa como missão da instituição além das atividades de ensino. Entende ainda que esta “revolução ainda apresenta suas consequências e desafios, envolvendo tensões entre as atividades de pesquisa e de ensino em muitas Universidades” (p. 60). Também aponta para o fato de que esta revolução ainda esteja em processo de desenvolvimento e surgiu, na segunda metade do século XX, uma segunda revolução agregando outra missão,

“voltada ao desenvolvimento econômico e social, além do ensino e pesquisa” (p. 60). Este novo olhar faz com que Universidade se aproxime das demandas da sociedade no contexto em que se insere, posicionando a academia como importante vetor do desenvolvimento econômico e social (AUDY, 2006).

Nesta perspectiva das revoluções pela qual passou e ainda passa a universidade, são trazidos por Audy (2006) baseando-se nos autores anteriormente citados, os três modelos da relação triplíce entre Universidade-Empresa-Governo, mostrando assim a evolução no decorrer dos tempos. Na Figura 1 é representado o modelo *estático* de relação UEG, em que o governo se envolve e gerencia as relações entre as instituições Empresa e Universidade.

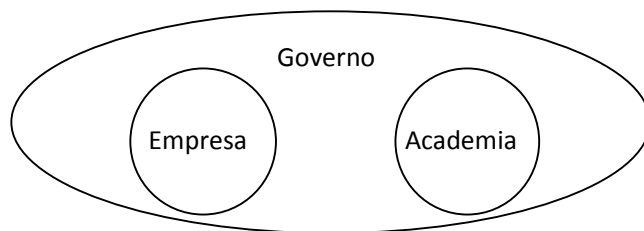


Figura 1. Modelo estático da relação UEG

Na Figura 2, o modelo apresentado é o chamado “*laissez-faire*” de relação entre Universidade-Empresa-Governo. Nesse modelo cada instituição assume seu papel diferenciado e separado entre os atores. Estabelecem relações entre si, porém cada uma mantém sua independência.

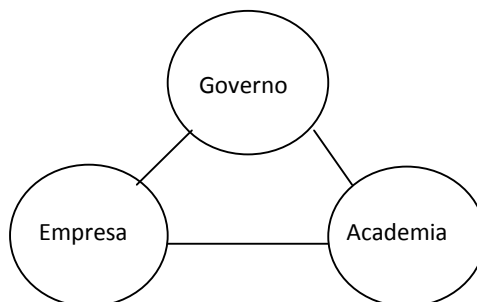


Figura 2. Modelo Laissez-faire da relação UEG

Na Figura 3, o modelo da tripla hélice é representado, mostrando um novo modo de pensar e agir nos três âmbitos. A intersecção promove relações produtivas objetivando o desenvolvimento de um novo ambiente aberto e favorável à inovação entre os diferentes segmentos. Segundo Audy (2006), a função do governo é de articulador e estimulador de parcerias e não mais de controle das relações. E “no espaço de inter-relações entre os três atores surge um ambiente de rede trilateral e de organizações híbridas” (p. 58).

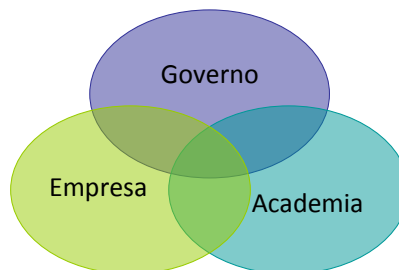


Figura 3. Modelo tripla hélice relação UEG

Para Audy (2006), diante desse modelo de relação de tripla hélice, a “universidade transforma-se de uma instituição centrada no ensino, em uma instituição que combina seus recursos e potenciais na área de pesquisa em uma nova missão, voltada ao desenvolvimento econômico e social da sociedade onde atua” (p. 59), no qual incentiva a criação de ambientes inovadores e dissemina a cultura do empreendedorismo. Portanto, diante da evolução desses modelos, das relações que a universidade estabelece com seus parceiros e pensando

numa época de globalização em que da conectividade das nações resulta a brusca mudança de rumos, de políticas públicas e de cenários econômicos, faz-se indispensável entender o papel do desenvolvimento local, sempre realizado com as características de sustentabilidade, exigidas pela sociedade da informação e do conhecimento (TEIXEIRA, AUDY, 2006, p. 451).

Entendendo que o desenvolvimento tecnológico seja o motivo maior das mutações que acontecem promovendo e criando o espírito empreendedor, é que se pode pensar que as instituições analisadas nesse estudo, a PUCRS e a PUCPR, buscaram uma estratégia de inovação ao mesmo tempo em que atendem as demandas da sociedade, ao

criarem os parques tecnológicos. A universidade gaúcha há 15 anos implantou seu parque tecnológico com o objetivo de *inserir a instituição de educação superior diretamente no processo de desenvolvimento tecno-econômico-social da região e do País*. Seus objetivos específicos são:

- *Atrair empresas de pesquisa e desenvolvimento (PD&I) para trabalhar em parceria com a Universidade;*
- *Promover a criação e o desenvolvimento de novas empresas de base tecnológica;*
- *Atrair projetos de pesquisa e desenvolvimento tecnológico em geral;*
- *Estimular a inovação e a interação empresas-Universidade;*
- *Gerar uma sinergia positiva entre o meio acadêmico e o empresarial;*
- *Atuar de forma coordenada com as esferas governamentais, particularmente no âmbito do Projeto Porto Alegre Tecnópole.*

Desta forma a universidade, através do parque tecnológico, tem a missão de *criar uma comunidade de pesquisa e inovação transdisciplinar por meio da colaboração entre academia, empresas e governo visando aumentar a competitividade dos seus atores e melhorar a qualidade de vida de suas comunidades*.

A instituição de Educação Superior paranaense em relação ao parque tecnológico, há 9 anos vem se preocupando em atender as demandas da sociedade e objetiva *fortalecer continuamente o processo de cooperação com o setor empresarial e incrementar a sua atuação como Agente de Promoção de Desenvolvimento Socioeconômico*. Tem como missão *ser instrumento de promoção da qualidade e da excelência no Ensino, na Pesquisa e na Extensão, por meio da integração de “ativos” de inovação e do conhecimento que adicionem valor a essas atividades, ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento sócio-econômico da região de atuação da universidade*. Para tanto, suas diretrizes de ação são:

- *Alinhar-se a missão da Universidade.*
- *Buscar a transferência de conhecimento para o setor empresarial, com oferta de soluções multidisciplinares e de altíssimo valor agregado.*
- *Atrair empresas e/ou respectivas áreas de P&D por meio de alianças e parcerias estratégicas com a Universidade.*
- *Desenvolver parcerias com órgãos governamentais e do terceiro setor.*
- *Incrementar recursos complementares que poderão viabilizar novos investimentos para a busca da excelência no Ensino, na Pesquisa e na Extensão.*
- *Otimizar recursos dispersos na organização, buscando integrar as competências internas orientando-as adequadamente para as necessidades da sociedade em geral e, conseqüentemente, criando novos valores para o conhecimento disponível.*

- *Incrementar o processo de inclusão de toda a comunidade universitária em atividades demandadas pelo mercado e, por consequência, na permanente capacitação do capital humano nas relações com a sociedade.*
- *Contribuir para o processo de melhoria contínua da qualidade do ensino e da pesquisa, tendo em vista a disponibilidade de novos espaços de participação do corpo docente e discente em projetos de integração universidade-empresa.*
- *Abrir novos temas de pesquisa pelo incremento na demanda por novos conhecimentos orientados ao mercado (<http://www.agenciapuc.pucpr.br/missao.shtml>).*

Desta forma, o viés tecnológico auxilia na projeção das universidades no campo nacional e mundial, promovendo a internacionalização através de suas pesquisas e também contribui na qualificação profissional expandindo seu campo de atuação e colaboração com a sociedade. Quer dizer, essa articulação Universidade-Empresa-Governo (UEG) centrada no modelo tripla-hélice gera um impacto importante na e para a sociedade, criando uma situação ‘win-win’ para todos os envolvidos. As universidades ganham no âmbito de pesquisa, as empresas com o ‘know-how’ fomentado, e o governo com o impacto positivo que isso tem na melhora das condições econômicas e sociais da sociedade, como com a geração de empregos, melhora da saúde financeira do estado, e qualificação de mão de obra.

Diante do exposto anteriormente, falar sobre internacionalização na Educação Superior, antes de mais nada, nos leva a pensar que é preciso definir o conceito que se assume ao abordar a temática. O conceito de internacionalização entendido nesse estudo também se ancora no entendimento de Morosini (2006) defendido na Enciclopédia da Pedagogia Universitária como qualquer esforço sistemático que tem como objetivo tornar a Educação Superior mais respondente às exigências e desafios relacionados à globalização da sociedade, da economia e do mercado de trabalho. É a análise da Educação Superior na perspectiva internacional. A internacionalização da Educação Superior é baseada em relações entre nações e suas instituições. Desta forma, inúmeros programas hoje atendem a demanda que configura a internacionalização, agenciando intercâmbios e assim consolidando práticas interinstitucionais.

Na perspectiva da internacionalização da educação superior a universidade pelo seu objeto – conhecimento, sempre foi acompanhada da perspectiva internacional. Inicialmente havia troca informal entre professores e alunos, seguidos de um estágio onde a IES assume como política a internacionalização, planejando-a e executando-a sistematicamente em todos os departamentos da organização. Hoje, este processo adquire magnitude e apresenta uma postura diferenciada: a internacionalização torna-se transnacional (MOROSINI, 2006). A internacionalização da Educação Superior na medida em que tem ênfase mais na interação entre culturas e menos na homogeneização de culturas, pode conter os danos da educação transnacional. O desenvolvimento da importância do conhecimento e do capital humano, paralelo ao desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação tem aumentado a

relação entre internacionalização da Educação Superior, globalização e regionalização (MOROSINI, 2006). A autora ainda corrobora sobre as funções acadêmicas da internacionalização da Educação Superior, ao afirmar que é o estudo da internacionalização da Educação Superior sob a ótica das funções do ensino e da pesquisa. Isso porque por sua própria natureza de produção de conhecimento, a universidade sempre teve como norma a internacionalização da função pesquisa (MOROSINI, 2006), e o que se nota agora é um processo mais acentuado disso.

O processo de internacionalização “mudou sua característica e muda muito com o processo de globalização e com a dita sociedade do conhecimento” Morosini (2014, p. 172). A autora aponta para a década de 90 como período em que se inicia a trabalhar a questão da transnacionalização e a possibilidade de circular diplomas e títulos. A internacionalização vai tomando forma e proporções cada vez mais intensas na medida em que as universidades ampliam e qualificam suas linhas de pesquisa e de ensino. Já no contexto atual, a autora reflete sobre a necessidade de considerar a nova dinâmica social e perfil de estudantes nas universidades. No seu entendimento, nos últimos anos se tem “outro grupo dentro da universidade que foi fazer a internacionalização. Então não posso mais falar em um único modelo universitário, no caso do Brasil, ou de um único tipo de aluno” (p. 175), uma vez que o acesso à universidade se expandiu a partir de políticas públicas em nosso país.

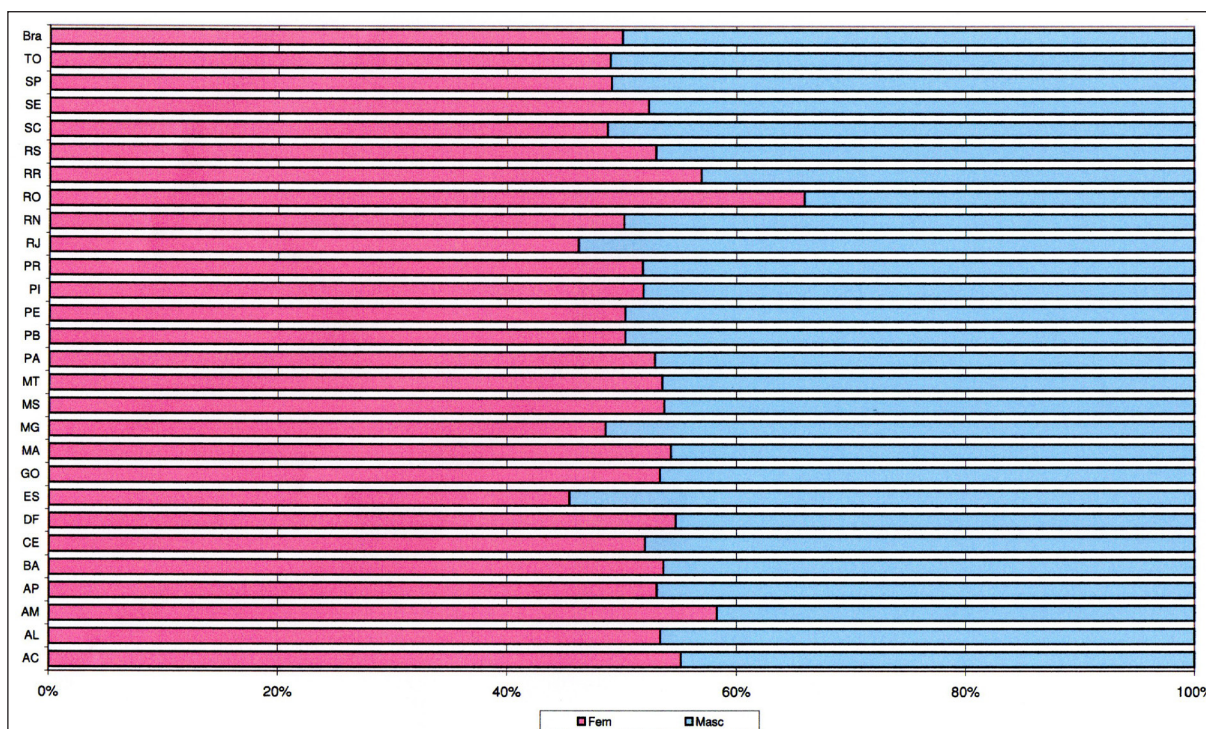
Teixeira e Audy (2006) entendem que o início do século XXI trouxe consigo a reiteração de uma aspiração antiga: a de que os complexos problemas econômicos, políticos e culturais das sociedades contemporâneas podem ser resolvidos através da educação, especialmente pelas instituições de nível superior. Afirmam ainda que por outro lado, esta aspiração talvez seja um dos grandes paradoxos do mundo contemporâneo e consista justamente em que, nos tempos de globalização ou da internacionalização de quase tudo, a educação permaneça como a última utopia, certeza ou projeto para a reforma cultural, ética e cívica das sociedades. Os autores compreendem que, devido às influências globais e mundiais, a primeira metade do século XXI será mais difícil, complexa, inquietante e mais aberta, se comparada ao século anterior. E que o período de transição que vivemos e viveremos será de perturbações, incertezas e criatividade onde continuará a luta por uma boa sociedade.

Além destas características percebidas no contexto mundial, nacional, regional e local, também se vivem mudanças vertiginosas em todos os âmbitos, em especial no campo das ciências e das tecnologias. Com isso, a relatividade das coisas e conceitos vem ascendendo sobrepondo aquilo que até então foi verdade absoluta. Nesse sentido, “os novos cenários exigem um redimensionamento das organizações universitárias e das instituições voltadas para a educação tecnológica” (TEIXEIRA, AUDY, 2006, p. 450). Diante das pressões internas e externas que a universidade vem sofrendo, entende-se a necessidade de mudança, do novo papel no desempenho da educação superior, da renovação para fazer frente às demandas atuais (AUDY, 2006).

Consolidação da qualidade dos cursos numa perspectiva de excelência e internacionalização

No cenário nacional a internacionalização é representada através de gráficos fornecidos pelo CNPq, os quais neste estudo nos permitem a visibilidade de bolsas no país e no exterior de acordo com cada estado brasileiro e conforme o gênero de cada bolsista. No Gráfico 1 se pode verificar o incentivo deste órgão de fomento financeiro para qualificar os estudantes da Educação Superior dentro e fora do país.

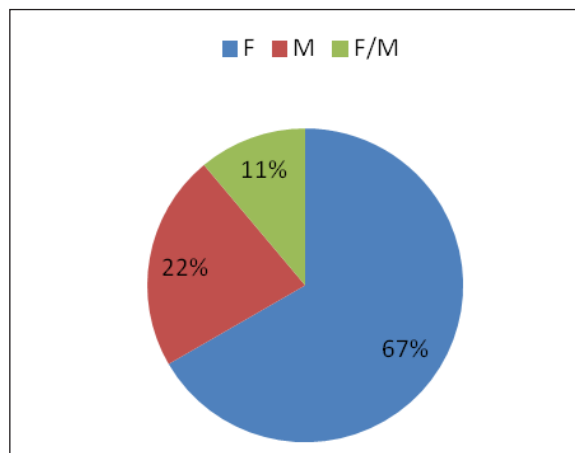
Gráfico 1. Bolsistas brasileiros (país e exterior): distribuição segundo a UF e o sexo – 2014 (%)



Fonte: CNPq/institucional/estatísticas, 2014.

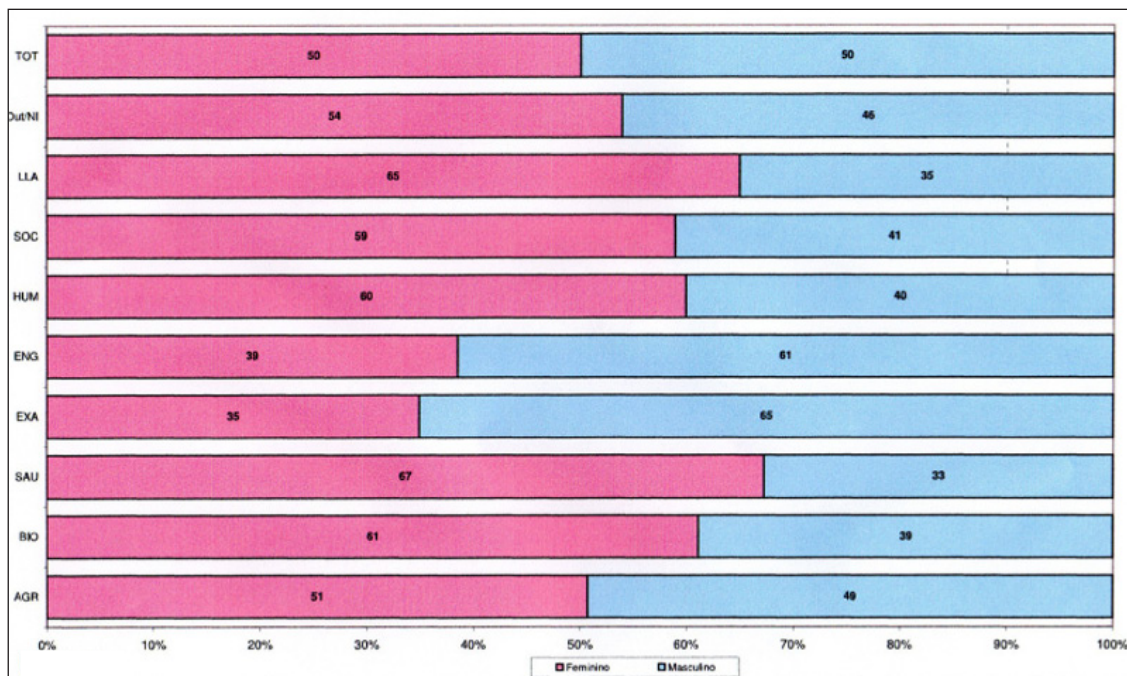
Tal como se pode observar, em 18 estados o gênero feminino absorve o maior número de bolsas, em 6 estados a predominância de bolsas é masculina e em 3 estados o número de bolsas fica 50% para cada sexo. Representando esses dados no Gráfico 2, possibilita a visibilidade desta distribuição de bolsas no país e no exterior.

Gráfico 2. Gênero dos bolsistas por estado



Fonte: Autores a partir dos dados do CNPq.

Outro aspecto a ser destacado são as incidências da procura dos alunos da Educação Superior por mobilidade financeira e condições de qualificar-se com uma formação em uma área conforme seu interesse. Isso mostra o quanto o mundo do trabalho exige mão de obra qualificada. O estado de RO apresenta o maior número de bolsistas femininas, seguido do AM. E o gênero masculino tem maior índice de bolsas no ES seguido do RJ. De igual modo, trazemos o Gráfico 3, a seguir, o qual apresenta o maior índice de bolsas no exterior agrupadas pelas grandes áreas do conhecimento.

Grafico 3. Bolsistas brasileiros no exterior: grande área e sexo – 2014 (%)

Fonte: CNPq/institucional/estatísticas, 2014.

Conforme os dados apresentados pelo CNPq é possível verificar que no ano de 2014, últimos dados lançados, a distribuição de bolsas de estudos para o exterior, organizadas e agrupadas de acordo com as grandes áreas e sexo dos estudantes, o destaque para o gênero feminino é a área da saúde seguida por Linguagens/Letras & Artes e para o gênero masculino a área das exatas seguida das engenharias. Chama a atenção a última área, as agrárias, cujo percentual representa uma diferença tênue. Área esta buscada por ambos os sexos.

Após trazermos alguns dados a nível nacional sobre o investimento financeiro de um órgão de fomento do governo federal, adentramos agora no âmbito regional para analisar a importância das relações entre o processo de internacionalização da Educação Superior e os princípios que fundamentam os Projetos Políticos Institucionais.

Desta forma, consideramos a pesquisa documental como fonte principal para compreender que a PUCRS, em seu Projeto Pedagógico Institucional – PPI, gestão 2011-2015, tem como visão ser referência *nacional e internacional pela qualidade do ensino e pela relevância das pesquisas, com a marca da inovação e da gestão sustentável, promovendo a formação integral dos alunos e contribuindo para o desenvolvimento científico, cultural, social e econômico* (PPI, 2011⁵). Para ser referência nacional e mundial instituiu o programa da mobilidade acadêmica, o qual é amplamente divulgado e incentivado em todos os níveis de ensino. Na graduação, o programa propicia que os acadêmicos realizem [...] *estudos compatíveis com o seu currículo em Universidades que possuem Acordo ou Convênio de Cooperação Científica e Cultural com a PUCRS* (PPI, 2011) ou mediante bolsas de estudos oriundas de outros *programas financiados por órgãos públicos e privados, por um período de até dois semestres ou de acordo com os editais, com possibilidade de aproveitamento em sua matriz curricular* (idem). Este programa de mobilidade proporciona aos acadêmicos realizar período de estudos, oferecendo ainda agregar novos conhecimentos científicos e culturais, experiências acadêmicas em diferentes instituições (nacional e internacional), aprendizagem e domínio da língua estrangeira do país de destino bem como desenvolve e exerce sua autonomia. Cabe destacar que o programa de mobilidade acadêmica envia brasileiros às instituições conveniadas pela instituição gaúcha em diferentes países e recebe acadêmicos destes outros países para estudos e convivência com acadêmicos e professores na instituição. A modalidade da dupla diplomação dos programas específicos expande as possibilidades de internacionalização. A universidade do RS possui convênios bilaterais, em sua mobilidade acadêmica, com possibilidade de aproveitamento de créditos e é o acadêmico que escolhe a instituição e o país de destino. A duração do intercâmbio tem a duração de 1 a 2 semestres acadêmicos e os principais programas são:

(sem bolsa)

✓ Mobilidade Acordos Bilaterais;

(com bolsa)

✓ BRAFITEC – parceria da faculdade de engenharia com IES francesas, com apoio da CAPES;

✓ CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS – promovido pelo governo federal;

✓ EMERGING LEADERS IN THE AMERICAS PROGRAM (ELAP) – parceria com instituições de IES canadenses;

✓ FUNDACIÓN BOTÍN – apoiado pelo banco Santander;

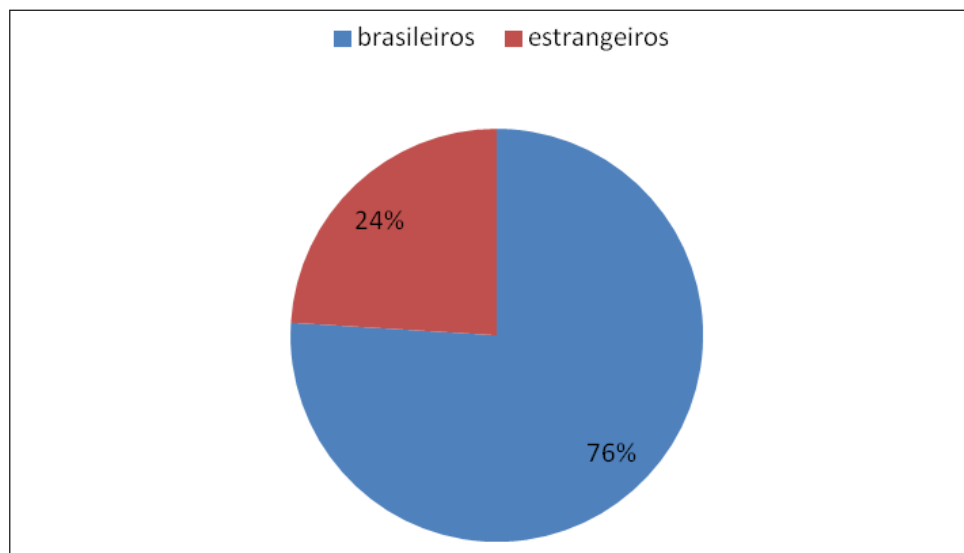
✓ PROGRAMA DE LICENCIATURAS INTERNACIONAIS (PLI) – parceria com IES portuguesas em nível de graduação sanduíche, com apoio da CAPES e Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB);

✓ PROGRAMAS SANTANDER UNIVERSIDADES – promovidos pelo banco Santander.

⁵ Esta política de internacionalização é reafirmada no Planejamento Estratégico para 2016-2020.

A mobilidade acadêmica da universidade gaúcha em 2016/1 movimentou 136 alunos brasileiros por intercâmbio em universidades estrangeiras e recebeu 43 alunos do exterior (Gráfico 4).

Gráfico 4. Mobilidade Acadêmica, 2016/01



Fonte: Setor de Mobilidade Acadêmica, 2016.

A Universidade do Paraná em seu Planejamento Estratégico (2016-2022) tem como missão *gerir, orientar e auxiliar as unidades mantidas e controladas a formar cidadãos humanos, éticos, justos e solidários para a transformação da sociedade, por meio de processos educacionais de excelência, fundamentados nos valores do Evangelho.*

A mobilidade acadêmica da instituição em relação à internacionalização apresentada no Planejamento estratégico oferece alguns programas, dentre eles o Ciência sem fronteiras, o qual é uma iniciativa do governo federal em parceria com o Ministério da Educação com o objetivo de *propiciar a formação de recursos humanos altamente qualificados nas melhores universidades e instituições de pesquisa estrangeiras, com vistas a promover a internacionalização*

da ciência e da tecnologia nacional, estimulando estudos e pesquisas de brasileiros no exterior, inclusive com a expansão significativa do intercâmbio e da mobilidade de graduandos.

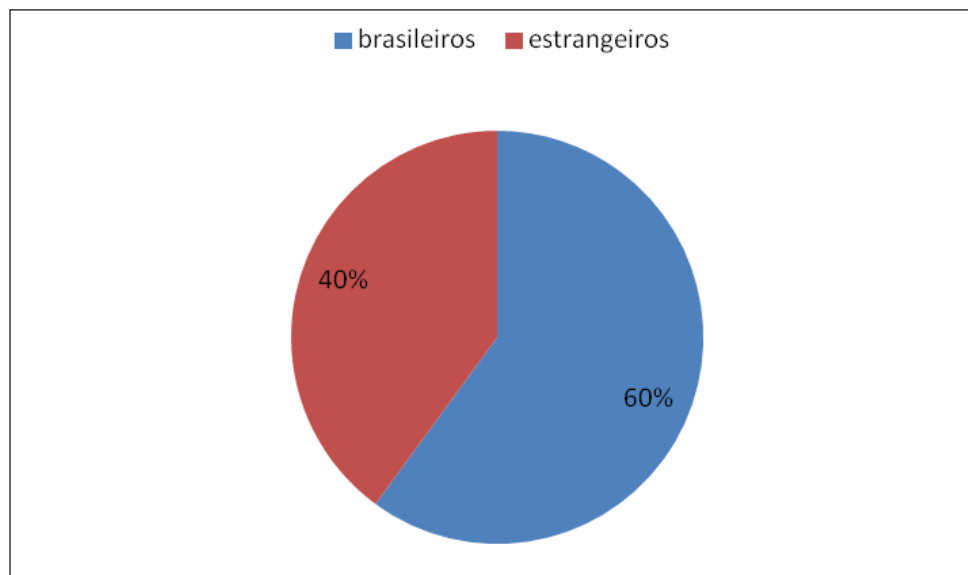
As propostas de internacionalização resultam em grandes parcerias com instituições estrangeiras, pelas quais são desenvolvidos projetos conjuntamente, acordos de dupla diplomação e a possibilidade dos acadêmicos bem como os professores dos diversos programas participarem de intercâmbios em universidades do exterior. Nessa perspectiva, a universidade inicialmente desenvolveu um plano de ação *para a internacionalização contínua do currículo, das atividades, da prestação de serviços internacionais*, os quais gradativamente foram modificando a cultura da instituição. *Atualmente, o mérito da nossa universidade em conquistar excelência na educação tem sido reconhecido internacionalmente através de mais de 250 parcerias que promovem uma mobilidade anual de 400 alunos.* Para a instituição, a internacionalização ocupa lugar central quando se pensa e debate a universidade e sua inserção no contexto global da ciência, tecnologia e inovação. *A internacionalização, portanto, é um processo que busca integrar a dimensão internacional, intercultural e global às metas e funções do ensino superior. A internacionalização faz abrir a universidade para o mundo e aproximar o mundo da universidade – duas necessidades enormes, em especial no caso brasileiro.*

O intercâmbio universitário da instituição paranaense, ocorre entre 1 ou 2 semestres em uma universidade do exterior, sendo que o acadêmico só pode realizar seu intercâmbio a partir do seu 4º período de curso na graduação. A escolha da instituição e país de destino é realizada entre o aluno e a Diretoria das Relações Internacionais – DRI, e pode aproveitar os créditos cursados no exterior. Nesse processo de internacionalização os principais programas oferecidos pela instituição são:

- ✓ BRAFITEC – parceria da faculdade de engenharia com IES francesas, com apoio da CAPES;
- ✓ BRAFAGRI – programa CAPES-BRAFAGRI promove o intercâmbio em todas as especialidades das ciências e engenharias agrônômicas e alimentares e da veterinária;
- ✓ CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS – promovido pelo governo federal;
- ✓ UNIBRAL – programa CAPES-UNIBRAL promove o intercâmbio de estudantes do Curso de Desenho Industrial – Design de Produto;
- ✓ ERASMUS MUNDUS IBRASIL PROJECT – é um programa *Erasmus Mundus* Ação 2 financiado pela Comissão Europeia;
- ✓ MARCA – primeiro programa de mobilidade de estudantes da graduação promovido pelos governos através do setor Educacional do MERCOSUL;
- ✓ PROGRAMA DE BOLSAS IBERO-AMERICANAS SANTANDER – incentiva e promove a mobilidade de estudantes de graduação;

A mobilidade internacional desenvolvida pela universidade paranaense em 2016/1 movimentou 182 alunos brasileiros para intercâmbio em universidades estrangeiras e recebeu 121 alunos do exterior. O Gráfico 5 mostra esses dados em percentuais.

Gráfico 5. Mobilidade Internacional, 2016/01



Fonte: Setor das Relações Internacionais, 2016.

A partir do exposto até aqui, pode-se perceber que cada universidade prima por estratégias de ação que promovam a internacionalização através das ofertas de programas, das parcerias com diversas instituições no exterior possibilitando, além da inserção em uma nova cultura e realidade, a construção de novos conhecimentos e a possibilidade de aproveitamento de créditos. Entretanto, nota-se que a PUCPR recebeu e enviou um maior número de alunos do que a PUCRS e pode-se argumentar que isso é devido ao maior número de programas de intercâmbios utilizados pela instituição paranaense, incluindo o *Erasmus Mundus*, indicando que em termos de mobilidade acadêmica esta instituição está melhor inserida internacionalmente. Notamos aqui que há uma grande necessidade

de se pesquisar o impacto dessa mobilidade acadêmica nos estudantes brasileiros que estudam fora, na universidade brasileira que envia esse estudante, bem como na universidade estrangeira que acolhe esse estudante e nos estudantes estrangeiros dessas universidades que socializam e convivem com esses estudantes brasileiros. Spears (2014) ao falar sobre a Mobilidade Estudantil brasileira, entende que o Programa Brasileiro de intercâmbio tem oferecido benefícios tangíveis para os acadêmicos, pesquisadores, universidades e para o governo brasileiro. O autor ainda afirma que o “mais óbvio e importante objetivo de aprendizagem do Programa Brasileiro de Mobilidade Científica é a mudança transformacional entre os estudantes brasileiros que se envolvem em trocas interculturais significativas” (p. 158). Para Sarmiento et al. (2016), os objetivos de um programa de mobilidade acadêmica propicia uma formação complementar na medida em que oportuniza a participação, a inserção em um outro contexto educativo e cultural. Ainda afirmam que os programas de mobilidade internacional, na perspectiva dos alunos, é apontado importante pelos ganhos pessoais através das experiências interculturais e profissionais.

Entretanto, a mobilidade acadêmica é apenas uma faceta do critério internacionalização. O Ranking Universitário Folha – RUF (2015) apresenta como cada instituição se posiciona a nível nacional em termos de internacionalização. A PUCRS na 22ª posição e a PUCPR na 41ª. Os indicadores avaliativos deste ranking são: Citações internacionais por docente: considera o número de citações aos trabalhos da universidade por grupos de pesquisa internacionais; Publicações em coautoria internacional: considera o percentual de publicações feitas e parceria com pesquisadores estrangeiros em relação ao total de publicações da instituição.

Além do ranking nacional sobre a internacionalização das duas universidades deste estudo, buscamos ainda como as instituições se colocam no ranking das universidades da América Latina, conforme nos mostra a Tabela 1, a seguir.

Tabela 1. Ranking Internacionalização na América Latina

Crítérios	PUCRS	PUCPR
Ranking	23º	31º
Estudantes	14.797	7.741
Geral	48,6	Não faz menção
Ensino	45,1	27,5
Perspectiva Internacional	33,0	26,4
Pesquisa	41,3	25,0
Citations	72,1	78,1

Fonte: The Latin America rankings, 2016.

Considerando este ranking, a PUCRS se posiciona melhor em vista da PUCPR, considerando os critérios de avaliação utilizados pela América Latina. Já a Tabela 2, na sequência, nos mostra a colocação de cada universidade no Ranking Internacional das universidades através do conceituado QS World University Rankings, trazendo critérios e dados mais específicos pelos quais foram avaliados.

Tabela 2. Ranking Internacionalização no mundo

Crítérios	PUCRS	PUCPR
Nº de alunos	Menos de 30.000	Mais de 30.000
Tempo de Instituição	Menos de 100 anos	Menos de 100 anos
Status	Privada	Privada
Nível de pesquisa	Médio	Médio
Foco	Compreensivo +	Compreensivo +
Cursos	48	60
Ranking	41	129
Trabalhos por professores	84.8	45.6
Rede de Pesquisa Internacional	89.9	56.4
QS world universities rankings	#701 +	Não faz menção
BRICS Rankings	#85	Não faz menção
Número de professores	928	980
Professores com Doutorado	761	455
Professores estrangeiros atuando na instituição	12	07
Número de estudantes e percentual	13.630 16% Pós-Graduação 84% Graduação	33.880 14% Pós-Graduação 86% Graduação
Número de estudantes estrangeiros e percentual	125 38% Pós-Graduação 62% Graduação	193 2% Pós-graduação 98% Graduação

Fonte: QS World University Rankings, 2016.

Cabe ressaltar que a universidade paranaense tem 5 campi em diferentes municípios da região, por esta razão apresenta maior número de alunos na Educação Superior, enquanto a instituição gaúcha se configura em 1 campi universitário em que ocorrem as aulas e os processos de intercâmbio. Tal como se pode observar a partir do ranking

QS World University, os dados expressam a configuração de cada instituição na busca de estratégias conforme sua realidade regional em que se insere para criar mecanismos de inovação e ampliar seu processo de internacionalização qualificando o ensino e as pesquisas.

Entretanto, é possível argumentar aqui que a atual diferença a nível de internacionalização das duas instituições analisadas aqui pode se dever ao fato de a PUCRS ter estabelecido seu atual parque tecnológico há 15 anos e a PUCPR há 9 anos. Assim, e segundo o modelo da tripla hélice da relação Universidade-Empresa-Governo os parques tecnológicos criam uma situação ‘win-win’ para todos os envolvidos. Como já foi dito, as universidades ganham no âmbito de pesquisa, as empresas com o ‘know-how’ fomentado e o governo com o impacto positivo que isso tem na melhora das condições econômicas e sociais da sociedade, como com a geração de empregos, melhora da saúde financeira do estado, e qualificação de mão de obra. Mas podemos argumentar aqui que isso também propicia às universidades um ambiente que encoraja a internacionalização porque precisam formar parcerias para desenvolver pesquisas que emergem das necessidades do parque tecnológico, do ambiente de network que emerge, e das possibilidades de financiamento externo que ocorrem. Num mundo ideal, o modelo da tripla hélice da relação Universidade-Empresa-Governo se torna cada vez mais dinâmico propiciando um aumento sólido e gradual da internacionalização das universidades; entretanto, existe a possibilidade que esse modelo sofra com crises financeiras e políticas governamentais já que o Governo permanece como parte importante desse modelo tripartite.

Considerações finais

A internacionalização deve ser integrada e sustentada no contexto institucional não unicamente pelos programas de intercâmbio, mas pelo ensino e pesquisa, fazendo parte do currículo. Também se dá através de debates sobre os desafios que são apresentados pela sociedade, na formação dos acadêmicos a fim de atender as demandas do mercado global. Nessa perspectiva tende a qualificar e consolidar o âmbito do ensino e da pesquisa. Tendo em vista o novo papel da universidade diante das demandas do século XXI, entende-se que as instituições em análise para este estudo, através de seus documentos que traçam a missão, visão e as estratégias, primam pela inovação, pelo desenvolvimento tecnológico atendendo as demandas do novo mercado e do perfil dos profissionais para a nova realidade.

A consolidação da internacionalização se dá pela via dos investimentos a nível do governo federal ou mesmo pela oferta de recursos financeiros por instituições de iniciativa privada e ainda pela própria universidade. Tais ofertas se dão através de programas diversos que incentivam e investem na formação e no aprimoramento dos acadêmicos proporcionando-lhes a oportunidade de ter experiências culturais além das aprendizagens teóricas.

Partindo da análise documental, verificou-se que as universidades, foco deste estudo, atentam para ampliar e qualificar cada vez mais e melhor o campo da internacionalização, da inovação, do ensino, da pesquisa e do desenvolvimento tecnológico. Segundo Audy (2006, p. 68) “a universidade atua em um contexto de complexidade e incerteza, onde são exigidas novas interfaces com a sociedade, visando capturar suas necessidades e demandas”. Desta forma, é preciso ter ações que levem em consideração o contexto cujo objetivo maior deve ser a qualidade da formação e a produção do conhecimento.

Referências

AUDY, J. L. N. Entre a tradição e a renovação: os desafios da universidade empreendedora. In: AUDY, J. L. N.; MOROSINI, M. C. (Org.). **Inovação e empreendedorismo na Universidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 56-69.

AUDY, J. L. N.; FERREIRA, G. C. Universidade empreendedora: a visão da PUCRS. In: AUDY, J. L. N.; MOROSINI, M. C. (Org.). **Inovação e empreendedorismo na Universidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 417-421.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. **Institucional Estatísticas**. Disponível em: <<http://cnpq.br/estatisticas1>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

ETZKOWIT, LEYDESDORFF. The Endless Transition: A 'Triple Helix' of University Industry Government Relations. **Minerva**, v. 36, n. 3, p. 203-208, 1998.

MOROSINI, M. C. et al. **Enciclopédia da Pedagogia Universitária**. Brasília: INEP/MEC. 2006. Vol. 2: Glossário.

MOROSINI, M. C. et al. Internacionalização da Educação Superior: perspectivas atuais. **Eventos Pedagógicos**, v. 5, n. 3 (12. ed., esp. temática), p. 170-179, ago.-out. 2014. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/1604/1204>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA do Rio Grande do Sul. **Parque Científico e Tecnológico (Tecnopuc)**. Disponível em: <<http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/inovapucrs/Capa/Tecnopuc/Institucional#objetivos>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA do Rio Grande do Sul. **Plano Estratégico**. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/portal/files/institucional/asplan/plano-estrategico-2016-2022.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA do Rio Grande do Sul. **Projeto Pedagógico Institucional**. Disponível em: <<http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/PPI2011-2015.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA do Paraná. **Plano Estratégico**. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/apc/planoestrategico.php>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA do Paraná. **Projeto Pedagógico Institucional**. Disponível em: <<https://prezi.com/ge7lq4eh12i/-ppi-projeto-pedagogico-institucional/>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA do Paraná. **TECNOPARQUE**. Disponível em: <<http://www.agenciapuc.pucpr.br/tecnoparque.shtml>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

QS Top Universities: Worldwide university rankings, guides & events. Disponível em: <<http://www.topuniversities.com/universities/pontif%C3%ADcia-universidade-cat%C3%B3lica-do-paran%C3%A0>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

QS Top Universities: Worldwide university rankings, guides & events. Disponível em: <<http://www.topuniversities.com/universities/pontif%C3%ADcia-universidade-cat%C3%B3lica-do-rio-grande-do-sul-pucrs>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

Ranking Universidade Folha. Disponível em: <<http://ruf.folha.uol.com.br/2015/ranking-de-universidades/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

Ranking Latin America University. Disponível em: <<https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/2016/latin-america-university-rankings>>. Acesso em: 09 jul. 2016.

ROBSON, S. et al. Raising the profile of innovative teaching in higher education? Reflections on the EquATE Project. **International Journal of teaching and learning in higher education**, v. 25, n. 1, p. 92-102, 2013. Disponível em: <<http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1016475.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

SARMENTO, S. et al. Ciência sem Fronteiras – Uma abordagem alternativa de avaliação. **Revista Interfaces Brasil/Canadá**, Canoas, v. 16, n. 1, p. 40-71, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/7760>>. Acesso em: 09 jul. 2016.

SPEARS, E. **O valor de um intercâmbio:** mobilidade estudantil brasileira, bilateralismo & internacionalização da educação. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 8, n. 1, 2014, p.151-163. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1026/320>>. Acesso em: 09 jul. 2016.

TEIXEIRA, E. F. B.; AUDY, J. L. N. Universidade católica: entre a tradição e a renovação. Os desafios da construção de uma Universidade empreendedora. In: AUDY, J. L. N.; MOROSINI, M. C. (Org.). **Inovação e empreendedorismo na Universidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 442-460.

Recebido em: julho/2016

Aceito em: novembro/2016

Endereço para correspondência:

Dirce Hechler Herberzt

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 15

90619-900 Porto Alegre, RS, Brasil

<dirce.herberzt@acad.pucrs.br>